


O CASO DO L TERENA: INVENTÁRIO FONÉTICO & INVENTÁRIO HISTÓRICO¹**THE CASE OF L TERENA: PHONETIC INVENTORY & HISTORICAL INVENTORY** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.050-040>**Elisângela Leal da Silva Amaral**

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

RESUMO

Por ocasião do estudo de Fonética e Fonologia, no Doutorado em Linguística na Unicamp - Universidade Estadual de Campinas - ecoava nos ouvidos da autora, durante diversos momentos do desenvolvimento da teoria proposta, o dizer de professores e/ou amigos Terena: “Língua Terena não tem L!” – o que não coincidia com as experiências audíveis vivenciadas. Sendo assim, tal comentário inspirou, ante o desafio proposto para trabalho de fechamento de disciplina, recuperar tais desabafos para investigá-los cientificamente, com teoria e instrumento teórico-prático apropriados. Nesse sentido, esse tornou-se o escopo deste trabalho, aqui transformado em texto.

Palavras-chave: Fonética; Fonologia; Sentidos; História e Identidade Terena.

ABSTRACT

During the study of Phonetics and Phonology for a PhD in Linguistics at Unicamp - State University of Campinas - the author repeatedly heard, at various points in the development of the proposed theory, the words of Terena teachers and/or friends: "The Terena language doesn't have an L!" – which did not coincide with the audible experiences lived. Therefore, this comment inspired the author, in the face of the challenge proposed for the final course work, to recover these pronouncements and investigate them scientifically, with appropriate theory and theoretical-practical tools. In this sense, this became the scope of this work, here transformed into text.

Keywords: Phonetics; Phonology; Meanings; History and Identity.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, inicialmente, objetivava-se investigar uma possível despalatalização da lateral

¹ Este texto foi desenvolvido como Trabalho de conclusão de disciplina apresentado à profa. Dra. Eleonora Cavalcante Albano como requisito ao fechamento da disciplina Teorias Fonológicas, no PPG em Linguística da Unicamp.

palatalizada da Língua Terena (doravante LT). O contato com professores e/ou falantes de seu idioma², e sua fala recorrente de que “terena não tem [l], mais [ʎ], somado à audição por vezes despalatalizada nos instigou a olhar, cientificamente, por meio da fonologia de laboratório, este processo. Nossa hipótese inicial era uma despalatalização justificada pelo contato com a Língua Portuguesa (LP), devido às questões geográficas e sociais.

Entretanto, o material coletado e examinado no *praat*, além de uma busca mais criteriosa de inventários fonéticos antigos e entrevistas com falantes com mais de cinquenta anos sobre essa questão, levantaram outras questões: há uma certa incongruência entre inventários fonéticos e o saber do falante; há uma certa incongruência entre o inventário fonético de Butler e observação feita por ela mesma em parte de seu trabalho sobre a LT; pelo inventário fonético de 1960, 1968 e 1978, há uma imprecisão quanto à lateral terena, seja ela palatalizada ou alveolar.

Nesse sentido, este trabalho se encaminha para um projeto de estudo mais detalhado sobre o caso da lateral terena, seu histórico de ocorrência e funcionamento e suas possíveis variações e/ou processo de mudança. Um trabalho que será dividido em quatro partes: um levantamento de informações fonéticas sobre a língua com pessoas acima de 70 anos, envolvendo lista de palavras e entrevista sobre o caso; informações mais precisas sobre os pesquisadores envolvidos a fim de conhecer melhor suas técnicas e teorias de embasamento; busca por uma possível resposta sobre o caso da lateral no alfabeto fonético da LT; e, a partir dos dados levantados, estabelecer uma comparação com os falantes de aproximadamente cinquenta anos, nossos informantes da primeira fase, para então perceber se a LT caminha no sentido da variação pelo contato com a língua portuguesa, ou se caminha na tentativa de um “resgate” da palatalização como forma de resistência e marca de identidade, num processo atual denominado por eles de “descolonização”.

Nesta etapa, apresentaremos apenas um esboço do que foi realizado: levantamento de dados em pesquisa de campo; levantamento de dados em pesquisa bibliográfica e dados estatísticos iniciais.

Justificamos o trabalho e sua ampliação pelo fato de língua, além de ser o objeto de trabalho de um linguista, ser parte da identidade de um povo, e neste caso, de um povo que é parte da identidade do Brasil. Justificamos a ampliação deste trabalho por considerarmos os dados apresentados anteriormente com muitas lacunas, que impediriam uma resposta satisfatória, com o rigor científico necessário.

Consideramos importante observar que, apesar do desenvolvimento deste trabalho ter sido realizado em uma disciplina sobre fonética e fonologia, ofertada pela Professora Eleonora Cavalcante Albano, cujo conhecimento o obra neste campo teórico dispensam comentários, este trabalho não é de uma especialista na área, e, possivelmente a professora Eleonora considerou este fato ao avaliar sua então

² Geralmente o povo Terena usa o termo “idioma” para se referir à própria língua materna, para efeitos de aproximação e melhor entendimento procuramos manter um vocabulário mais familiar a eles.

aluna. O que quero enfatizar com este comentário é que o conteúdo aqui seja tratado como um apontamento de uma incongruência entre a literatura oficial e os falantes de uma língua, tendo em vista a área de formação específica da autora.

2 METODOLOGIA

Em sua fase inicial, este trabalho constou de revisão bibliográfica, pesquisa de campo com informantes de 4 aldeias, sendo dois deles, a partir de 20 anos, moradores de cidade ou de “aldeia urbana”; entrevistas e gravações de áudio e análise de laboratório por meio do programa *praat*.

Quanto ao embasamento teórico, além de teorias fonológicas, buscamos textos em Língua histórica e variações linguísticas. Devido à direção tomada durante as análises de dados e revisão bibliográfica, como já exposto, decidimos manter a fonologia de laboratório e trabalhar pelo viés da teoria variacionista:

Ao pesquisador variacionista cabe identificar os fenômenos linguísticos variáveis de uma dada língua, inventariar suas variantes, definindo as variáveis dependentes, levantar hipóteses que deem conta das tendências sistemáticas da variação linguística, operacionalizar as hipóteses através de variáveis independentes ou grupos de fatores de natureza linguística e não linguística, identificar, levantar e codificar os dados relevantes, submetê-los a tratamento estatístico adequado e interpretar os resultados obtidos à luz das hipóteses levantadas. (Scherre, 1998, p.43)

3 O CASO DO L TERENA: UMA ABORDAGEM INICIAL

A falta de registros de um passado histórico das chamadas línguas orais, em certa medida, dificulta um estudo fundamentado nas propostas da Gramática Histórica. Entretanto, isso não invalida o fato de que toda língua se transforma, o que se estende aos estudos de línguas orais, como é o caso da Língua Terena.

Segundo inventários fonológicos realizados por Bendor-Samuel (1960), Eastlack(1968), Butler (1978) e Silva (2009) temos, respectivamente, o seguinte apanhado, para observar o caso da lateral na língua terena:

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal	
Oclusiva	p		t			k	ʔ	
Fricativa			s	ʃ			h	hy
Nasal	m		n					
Lateral			l					
Tepe			r					
Aproximante	w				j			

Quadro 3: fonemas consonantais Terena propostos por Bendor-Samuel (1960)

O CASO DO L TERENA: INVENTÁRIO FONÉTICO & INVENTÁRIO HISTÓRICO

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal	
Oclusiva	p b		t d			k g	ʔ	
Fricativa		v	s z	ʃ ʒ			h	hh
Nasal	m		n					
Lateral			l					
Tepe			r					
Aproximante					j			

Quadro 5: Fonemas consonantais Terena propostos por Eastlack (1968).

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal	
Oclusiva ¹⁸	p		t			k	ʔ	
Fricativa		v	s	ʃ			h	hy
Nasal	m		n					
Lateral			l					
Tepe			r					
Aproximante					j			

Quadro 7: Fonemas consonantais Terena propostos por Butler (1978).

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p		t			k	ʔ
Africada				tʃ			
Fricativa		v	s	ʃ			h
Pré-nasal	^m b		ⁿ d, ⁿ z		ⁿ ʒ	ⁿ g	
Nasal	m		n		ɲ		
Lateral			l				
Tepe			r				
Aproximante	w				j		
Lateral aproximante					ɬ		

Quadro 9: Fones consonantais da língua Terena falada na Cachoeirinha Silva (2009).

Em relação ao nosso objeto de estudo, Bendor-Samuel (1960) registra em seu quadro a lateral alveolar [l]. Eastlack (1968) e Butler (1978) fazem o mesmo. Silva acrescenta a lateral aproximante e menciona que “Faz-se necessário tecer alguns comentários sobre alofonia.[...] De acordo com nossos dados, temos os seguintes pares de alofones: [ɬ] e [l] variando livremente em todos os ambientes;” (Silva, 2009, p. 62) e cita como exemplo: “[ɬakaʔiti] “molhado”; [lakaʔiti] “molhado”.” (idem).

Na obra “Aprenda Terena” (vol. 1) Butler, juntamente com Ekdahl afirmam que: “O l e o nh são

semelhantes, mas não idênticos, ao l e nh do português.” (2012, p.09). Em continuação, na página 30, acrescenta “L é letra infrequente.” e em seguida apresenta uma lista de palavras com l sugerindo-se que se comparem as pronúncias terena e português. Entre professores terena, falantes do “idioma” -como eles dizem- a afirmativa recorrente é de que “terena não tem l”, reportando-se à lateral alveolar vozeada do português brasileiro.

Ora, nesse sentido, parece haver um fenômeno linguístico com resultados inconclusos, ou seja, carente de respostas. O que motiva esta pesquisa, pois, se os falantes da LT, com mais de 50 anos, que aprenderam a língua com seus idiomas afirmam que “em terena não tem [l] (lateral alveolar) mas [ɬ]; por que os levantamentos fonológicos da década de 60, 68 e 78 não registram tal fonema? Mesmo a obra de Butler, que menciona a “diferença” do “l” terena para o “l” português. Levando-se em consideração a recorrência entre os falantes ao afirmar que terena não tem [l], mas [ɬ], diante dos levantamentos fonológicos, abre-se uma hipótese: o som diferenciado da lateral palatalizada da LT era uniforme entre os falantes e próximo ao [l] da LP tendo, por essa razão, optado por registrar com o símbolo para a lateral por alguma convenção. Em oposição, dois questionamentos se colocam: a linguística ofereceria recurso para esclarecer esse fato linguístico do povo terena? É relevante encontrar essa resposta?

Difícil sem registros em áudio, recuperar esse inventário do passado desse povo, porém, a geração seguinte sustenta que a língua funciona assim, com a lateral palatalizada, o que não pode ser ignorado.

Outro ponto de observação é que a palatalização da lateral em terena é algo realmente distinto, tanto da lateral alveolar, quanto da lateral palatalizada do alfabeto fonético brasileiro mais comum. Talvez mesmo mais próximo do [l] que do [ɬ], uma observação de Thais Cristófar, em sua tabela fonética consonantal faz uma distinção entre dois sons laterais palatais, o que permite uma classificação mais aproximada com o som em questão: ɬ. (Silva, 2007, p. 37)

Articulação		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	desv voz	p b		t d			k g	
Africada	desv voz				tʃ dʒ			
Fricativa	desv voz		f v	s z	ʃ ʒ		X Y	h ɦ
Nasal	voz	m		n		ɲ ɣ		
Tepe	voz			r				
Vibrante	voz			ʀ				
Retroflexa	voz			ɻ				
Lateral	voz			l ɭ		ɬ ɮ		

Tabela: Símbolos fonéticos consonantais relevantes para transcrição do português

No quadro em que exemplifica tais usos a autora distingue dois sons para a lateral palatal vozeada: λ ou l^j - **malha** – [‘ma λ a] ou [‘ma l^j]. Em seguida, acrescenta: “A consoante lateral palatal [λ] ocorre na fala de poucos falantes de português brasileiro. Geralmente uma lateral alveolar ou dental (ou dental) palatalizada que é transcrita por [l^j] ocorre para a maioria dos falantes do português brasileiro.” (idem).

Voltando à Gramática Histórica, para o professor José Pereira da Silva, a *palatalização* faz parte do processo de mudança na língua, exemplificando isso da seguinte forma:

Palatalização é a fusão de uma consoante e um iode, determinando o aparecimento de uma consoante palatal. Chama-se de *iode* ao *i* que, pronunciado com fechamento do canal bucal, como acontece com *ioiô*, adquire som consonântico. Como o iode é de natureza palatal, palataliza a consoante a que está ligado. [...] *filia* (pronunciado *fi-lya*) > *filha*. (Silva, 2010, p. 68).

Pelo que até aqui foi exposto, é possível sim considerar que, em sua trajetória de existência, em algum momento a LT utilizou-se apenas de um som característico para a lateral. Como é possível também considerar que pelo contato com a LP, ou não, a língua esteja em processo de mudança.

Em linguística, a troca de um fonema por outro não é fator que dispense estudo. Buscando amparo em teorias sobre mudança na língua, tem-se que a troca de um fonema por outro apresenta, causas. Camara Jr. oferece a este estudo observações relevantes:

Das 3 grandes forças que destacamos como o impulso para a evolução linguística em geral (§ 105), podemos evidentemente passar por alto para a evolução fonética, estritamente considerada, quanto à tendência ao reajustamento entre a língua e a cultura que ela representa. É óbvio que a fonação destituída de conteúdo significativo, só pode ser indiretamente afetada pelas mudanças culturais. [...] Na mesma ordem de ideias, pode-se associar a palatalização ampla realizada na evolução do consonantismo latino para o português [...].(Camara Jr, 1969, p. 201).

Ao se contextualizar a relação entre o indígena e a sociedade não indígena no Brasil, o apontamento em questão se abre em duas direções: durante um bom tempo, o terena negou sua língua e sua identidade pressionado pela discriminação e opressão que sofria. Chegando ao ponto de muitos pais não deixarem os filhos aprenderem a LT e nem se declararem indígenas. Em um tempo mais recente, conscientizado de seus direitos e valores, esse povo passa por um processo que denomina “descolonização”. Esse processo poderia justificar, em havendo uma despalatalização pelo contato com o português, uma tentativa de manter a palatalização como marca linguística de identidade e resistência. “Podemos dizer que a solidariedade na mudança é uma consequência da coesão social, pois a coerção coletiva para manter a NORMA só não se faz sentir onde é coletiva a tendência à inovação.” (Camara Jr, 1969, p. 216). No caso do terena, “inovar” poderia ser reagir ao colonizador, resgatando seus costumes e, com eles, sua língua.

Outro ponto que explicaria a variação entre o uso dos dois fonemas seria: “não se negam flutuações e divergências na época da mudança. Afirma-se apenas que todas elas se eliminam pouco a pouco,

impondo-se o que consubstanciava a tendência verdadeiramente geral. (Camara Jr, 1969, p. 216).

O que permite pensar que algo vai se efetivar, à medida que esse possível conflito se resolva, e as comunidades de fala se decidam por uma das duas formas, já que “[...] o fato fonético é coletivo e regular numa dada língua [...]”.(Camara Jr, 1969, p. 217).

Nesse sentido, é coerente considerar que a mudança acomodará, em cada comunidade de fala, uma das formas, como opção coletiva.

Meillet insiste a respeito na importância da ESTRUTURA DA SOCIEDADE. É o fator variável que cria o ambiente propício, ou, não, a certas mudanças: “ de ser a linguagem uma instituição social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável, a que se pode recorrer para explicar a mudança linguística, é a mudança social, em cuja referência as variações da linguagem figuram como consequências às vezes imediatas e diretas, e mais a miúdo mediatas e indiretas” (Meillet,1921, 16/7). (Camara Jr, 1969, p. 219).

Assim, percebe-se que o material coletado carece de um olhar para o passado dessa língua, que defina o seu inventário fonético, para que então se conheça, com mais precisão, sua identidade. Por outro lado, é possível um estudo sincrônico, tomando como base a insistência de seus falantes ao reafirmarem que “terena não tem l” e tratar dessa questão sob uma investigação do processo de mudança de língua.

Sob os pressupostos teóricos da Teoria da Variação Linguística tem-se que:

Aceita-se, portanto, a dissociação que se faz entre estrutura e homogeneidade, tendo em vista que a variação não existe só na comunidade, mas inclusive na fala de uma mesma pessoa. Mais do que isto, assume-se a postura de que a variação não é aleatória, mas sim governada por restrições linguísticas e não linguísticas. Admite-se, então, que os fenômenos variáveis, aqueles expressos por 2 ou mais variantes, apresentam tendências regulares passíveis de serem descritas e explicadas por restrições de natureza linguística e não linguística. (Scherre, 1998, p.39)

Logo, aquilo que seria apenas um trabalho de conclusão de disciplina, de transforma em um objeto de pesquisa bem mais profundo, que requer uma série de investigações mais elaboradas, o que só poderá ser feito com novas pesquisas de campo e maior aprofundamento em bibliografia adequada, tanto no que diz respeito à fonética e fonologia, quanto à questão de variações linguísticas. Por hora, cabe dizer, finalizando esta etapa, que a língua terena está em transformação, do ponto de vista fonológico. E que a alternância de uso do [l] e do [ʎ], mais do que uma instabilidade linguística, pode significar um conflito entre uma questão de identidade e resistência em nome de um passado histórico conflituoso, que ainda trabalha suas marcas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já foi dito, diante de questões que ficaram inconclusas e de incoerências entre os informantes e a literatura revisada, para que os resultados encontrados sejam efetivados com possíveis

respostas atendendo a um rigor científico, outras questões devem ser analisadas. E, além da oitiva realizada, é de nosso interesse, para maior segurança expor o material coletado a novos processos de análise, para então oferecer à academia e ao povo terena respostas mais seguras.

Entretanto, atendendo à necessidade de fechamento desta etapa, apresentaremos os resultados previamente encontrados. Tabelas em anexo, dispostas da mais recente para as mais antigas, poderão ser examinadas, citaremos aqui apenas seus resultados:

Resultados da Tabela 1

	S	N	T						
INF I	12	28	22	62	MORADOR DE ALDEIA URBANA HÁ MAIS DE 20 ANOS				
INF II	8	30	24	62	MORADOR DE ALDEIA RURAL				
INF III	28	26	8	62	MORADOR DE ALDEIA RURAL				
	48	84	54	186					
LEGENDA									
S – SIM									
N – NÃO									
T – TALVEZ									
INF – INFORMANTE									

O cálculo em questão compara a mesma lista de palavras com “la; le; li; lo; lu” lida e gravada em áudio por três informantes. A frequência de palatalização no falar do informante III supera em mais que o dobro em relação ao informante I, e supera a triplicação em relação ao informante II. Interessante observar que o informante III é morador da Aldeia Cachoeirinha, no Município de Miranda -MS, tradicionalmente reconhecido como o lugar onde mais se “conserva” a língua Terena. Mesmo local onde habitou Butler durante os longos anos em que realizou seus trabalhos no Estado. A aldeia tem mais 3,5 mil habitantes, em sua maioria, falantes da LT. Na nova etapa, o número de “T- talvez” precisará ser submetido a novas análises que permitam posicioná-lo como “sim”, ou como “não”, algo que o processo utilizado nesta etapa não permitiu.

Resultados da Tabela 2

	S	N	T						
INF I	13	15	15	43	MORADOR DE ALDEIA URBANA HÁ MAIS DE 20 ANOS				
INF II	6	15	20	41	MORADOR DE ALDEIA RURAL				
INF III	12	12	22	46	MORADOR DE ALDEIA RURAL				
	31	42	57	130					
LEGENDA									
S – SIM									
N – NÃO									
T – TALVEZ									
INF – INFORMANTE									

Nesta fase, experimentávamos o ambiente fonológico como elemento possível de palatalização, em um primeiro momento, a análise oitiva realizada no praat, pareceu não produzir diferença significativa.

Na tabela 2, comparávamos a pronúncia dos informantes eliminando a lateral seguida de vogal anterior média, os resultados não apontaram, a nosso ver, números significativos. Observando os resultados da tabela 3, em que eram calculados os resultados da lateral seguida da vogal média, comparando os três informantes, temos um considerável nível de palatalização:

	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O
	S	N	T							
INF I	12	4	7	23	MORADOR DE ALDEIA URBANA HÁ MAIS DE 20 ANOS					
INF II	8	8	6	22	MORADOR DE ALDEIA RURAL					
INF III	16	2	8	26	MORADOR DE ALDEIA RURAL					
	36	14	21	71						
LEGENDA										
S – SIM										
N – NÃO										
T – TALVEZ										
INF – INFORMANTE										

Acrescente-se a isso que, uma reanálise das palavras em que a lateral é seguida da vogal média – análise realizada apenas com o informante III – mostrou, ao se especificar os “T – talvez”, uma grande incidência de palatalização. Pode-se comprovar isso nos anexos, na tabela 5.

A tabela 4 aponta que há um baixo grau de palatalização da lateral antecedente de vogais posteriores. Logo, até aqui, é possível dizer que parece haver interferência do ambiente fonológico para a ocorrência ou não da palatalização da lateral na LT.

Cabe reafirmar que, apesar das considerações finais desta etapa, ainda há um leque de hipóteses e lacunas a serem estudadas antes de se fazer realmente alguma consideração que finalize a questão da palatalização da lateral na Língua Terena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, E. C. **O gesto e suas Bordas**. São Paulo: Mercado de Letras. 2001

BEN DOR-Samuel, John T. **Some problems of segmentation in Terena**. Word 16. 1960, p. 348 – 355

BUTLER, N. E.. **Modo, extensão temporal, tempo verbal e relevância contrastiva na língua Terena**. Brasília: SILEL. 1978.

EASTLACK, C. **Terena (Arawakan) pronouns**. IJAL 34: 1 - 8, 1968. ISA. Instituto Socioambiental. Povos indígenas no Brasil, 2006. Disponível em: <www.socioambiental.org>. Acesso em: 28 maio de 2017.

HORA, D. & MATZENAUER, C. L. **Fonologia, Fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016

SILVA, D. **Descrição fonológica da língua Terena (Aruak)**. Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009 (Dissertação de Mestrado em Letras)

SCHERRE, M. M. P. **Pressupostos Teóricos e Suporte quantitativo**. In SILVA, G. M. O. & SCHERRE, M. M. P. Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011. TRUBETZKOY, N. A fonologia Atual. In Dascal, M. Org. Fundamentos Metodológicos da Linguística. Vol. 2. Campinas, 1981